

FATOS & VOZES - 2ª TEMPORADA

SÉRIE 'CONQUISTA DE QUILOMBOS'

EPISÓDIO 05 - ENTRE ENCHENTES E FALTA D'ÁGUA

[AMBIENTAÇÃO - Áudio de enchente do Rio Pardo]

[LOCUÇÃO - KARINA]

Talvez você consiga identificar de imediato que barulho é esse, ou talvez não. Assim, logo de cara, lembra aquele clássico chiado que ouvimos quando algum canal de rádio ou TV está fora do ar, né? Mas percebe que tem algumas vozes que a gente consegue escutar ainda que não dê pra entender direito o que está sendo dito?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Se você reparar bem, dá até pra reconhecer aquela típica expressão do vocabulário conquistense que às vezes é utilizada por algum morador de Vitória da Conquista para demonstrar que ficou impressionado com alguma coisa. Mooosss... No caso do áudio em questão, a razão era exatamente essa.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O barulho que você ouviu neste começo de episódio é de um vídeo que mostra o intenso fluxo de água corrente que tomou conta do Rio Pardo em dezembro de 2021, no trecho onde fica o quilombo de Cachoeira do Rio Pardo, na zona rural da terceira maior cidade da Bahia. A gravação foi enviada à nossa reportagem pelo agricultor e morador da comunidade, João Paulo Oliveira. As imagens, de fato, impressionam e também assustam. Além de alargar as margens do rio, inundando árvores e plantações que encontrou pelo caminho, a correnteza elevou o nível da água a ponto de quase cobrir a ponte que liga a estrada que atravessa o povoado. E Cachoeira do Rio Pardo foi só um dos mais de 60 quilombos atingidos pelas enchentes daquele período em todo o estado. 14 deles ficavam em Vitória da Conquista, de acordo com levantamento feito pelo Movimento Estadual das Comunidades Quilombolas da Bahia e da Secretaria Estadual de Relações Institucionais.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Os prejuízos causados pelas fortes chuvas que assolaram a Bahia no final de 2021 somaram mais de 5 milhões de reais em perdas de lavouras, de animais e de

moradias nas diversas comunidades quilombolas do estado. Os temporais também causaram a morte de ao menos 27 baianos, e outros 523 ficaram feridos. Além disso, cerca de 150 cidades decretaram situação de emergência e mais de 30 mil pessoas ficaram desabrigadas. Só em Conquista, foram 3 mil, segundo a Prefeitura. A população periférica e, sobretudo, a população rural foi quem mais sofreu. Casas foram destruídas, estradas se tornaram intransitáveis e centenas de moradores ficaram ilhados. A situação crítica enfrentada pelo município fez o governo local montar um comitê gestor de crise para lidar com os efeitos das enchentes, o que até rendeu elogios para a prefeita Sheila Lemos, do União Brasil. Ela chegou a conceder diversas entrevistas em jornais de todo o país para falar sobre as consequências das chuvas no Sudoeste baiano. Esta aqui, por exemplo, foi para a CNN Brasil, no dia 27 de dezembro daquele ano.

[ILUSTRAÇÃO - Entrevista CNN Brasil]

Apresentador: MUITÍSSIMO boa tarde, prefeita. Não sei se é possível dar boa tarde diante dessa situação, claro, que a gente está enfrentando. É... que vocês estão enfrentando mais especificamente aí. E eu gostaria de saber qual é o cenário atual na sua região, na sua cidade mesmo. Querida que você trouxesse pra gente esse panorama de hoje, quantas pessoas estão desabrigadas, quantas pessoas estão desalojadas, como é que tá a situação do controle, principalmente dessas forças de segurança também. **Sheila Lemos:** Nós estamos numa situação muito difícil aqui na região Sudoeste. Aqui em Vitória da Conquista nós temos um território de 3.200 km². Então o município é enorme. Nós temos 11 distritos, 330 povoados. E a nossa população da zona rural está ilhada nesse momento. Várias pequenas barragens das fazendas foram se rompendo em efeito cascata e isso faz uma tromba d'água gigante, e vai levando tudo que tem por sua frente. Então, o nosso maior problema aqui hoje é com a zona rural, é conseguir chegar nesses povoados. Não conseguimos mais chegar com o transporte terrestre. Já solicitamos do governo um suporte aéreo porque nós precisamos retirar essas pessoas da zona rural por helicópteros ou até mesmo levar mantimento para os que estão em áreas seguras, mas que não têm condições de vir até a sede para abastecer de alimentos.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Em diversas comunidades, mesmo as lavouras voltadas inteiramente para a subsistência da população rural e quilombola foram destruídas pela enchente. Foi o que aconteceu, por exemplo, no quilombo de Cachoeira do Rio Pardo, onde o líder comunitário João Paulo Oliveira viu suas plantações de cana, milho e feijão irem literalmente por água abaixo.

[ENTREVISTA - JOÃO PAULO]

É porque é assim, o pedaço de terra que a gente planta é nas margens do leito do rio, né? E aí a gente tinha plantado tudo. Foi bem no momento que a enchente veio e acabou levando tudo. Levou cerca que a gente tinha feito. Levou plantação. Acabou com tudo. E até o terreno onde a gente plantava acabou virando pedra.

Afonso: Virando pedra? **João Paulo:** Porque levou a terra tudo que tinha e só ficou as pedras.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Os efeitos da chuva na estrada que leva ao quilombo também não foram dos mais brandos.

[ENTREVISTA - JOÃO PAULO]

Porque fez muito buraco, sabe? E aí ficou intransitável. A gente ficou mais de um ano nessa luta, sem poder um carro levar alguma coisa lá. Qualquer coisa que tinha que levar tinha que ser na cabeça. Ou então deixou de ir por causa da estrada que não tinha.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Mesmo tendo se passado mais de dois anos desde a enchente de 2021, as consequências dos temporais se refletem ainda hoje no cotidiano de João Paulo. Isso porque o trabalho no campo deixou de ser uma prioridade e, atualmente, sua principal fonte de renda é o salário que ganha como auxiliar de serviços gerais em um prédio da zona urbana de Conquista.

[ENTREVISTA - JOÃO PAULO]

Afonso: E como é que está a situação agora, João Paulo? Que o período de chuvas intenso passou um pouco, né? A comunidade tem conseguido se recuperar, retomar as plantações ou ainda tem sido difícil? **João Paulo:** Tem sido muito difícil ainda, porque na verdade faltou até a confiança de a gente tornar, insistir, fazer o serviço de novo e tornar a perder. Tanto que o ano passado foi uma enchente bem menor, mas causou transtornos novamente.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Minha conversa com João Paulo ocorreu em setembro de 2023. Quando cita o “ano passado”, ele está falando, na verdade, de 2022, que também ficou marcado pela ocorrência de fortes temporais no mês de dezembro, ainda que numa escala menor do que vimos em 2021. Nesses dois anos, a Bahia registrou os maiores volumes de chuvas das últimas décadas, de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia. E em tempos de crise climática, a tendência é que situações como essas, chamadas

por ambientalistas de eventos extremos, se tornem cada vez mais frequentes em decorrência do aumento da temperatura média do planeta, responsável por desregular ciclos naturais do clima. E as populações mais vulneráveis às consequências dessas mudanças climáticas não são moradores de bairros como Candeias ou Recreio. São, principalmente, as pessoas que estão nas margens de cidades como Vitória da Conquista, seja na periferia, seja na zona rural.

[LOCUÇÃO - KARINA]

É essa população rural, periférica e majoritariamente negra que mais tem sofrido com essa alteração no clima. E o que tem acontecido em quilombos conquistenses nos últimos anos quando o assunto são as questões que envolvem água, seja em razão do excesso ou mesmo a falta dela, como veremos mais a frente, é uma prova concreta disso.

[TRILHA - VINHETA DE ABERTURA]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

Karina: Meu nome é Karina Costa e este é o Fatos & Vozes, um podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista.

Afonso Ribas: Eu sou Afonso Ribas e você está ouvindo a série “Conquista de Quilombos”, produzida com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas - ICFJ, na sigla em inglês, da Meta e da Associação de Jornalismo Digital - Ajor. Episódio 05: Entre enchentes e falta d’água.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Um dos principais efeitos gerados pelas fortes chuvas e enchentes em quilombos rurais é a degradação das estradas que ligam algumas comunidades à zona urbana de Vitória da Conquista. As difíceis condições de acesso à cidade em períodos chuvosos limitam e, muitas vezes, até impossibilitam que a população do campo possa usufruir de serviços básicos como educação e saúde, uma vez que nem sempre os moradores têm esses direitos garantidos em seus próprios territórios, como vimos nos episódios 3 e 4 desta série. Não à toa, a melhoria da infraestrutura de estradas é a segunda maior prioridade apontada por quilombolas do município, segundo levantamento feito pela Defensoria Pública da Bahia. No caso do Sinzoca, por exemplo, essa demanda, na verdade, está no topo do ranking.

[ENTREVISTA - MAGNA]

O nosso maior problema no quilombo hoje é as estradas. Hoje não, porque está seco. O carro entra e sai. Mas qualquer chuva que tiver, a gente não sai daqui.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Essa voz, caso você não se lembre do nosso terceiro episódio, é da agente de saúde Magna Novais, que mora no quilombo do Sinzoca. Nós conversamos com ela no dia 16 de setembro de 2023 e fazia algum tempo que não chovia na região de José Gonçalves, distrito onde fica a comunidade. Segundo a líder comunitária, a luta do quilombo por estradas de qualidade já dura vários anos e perdura mesmo em períodos de estiagem.

[ENTREVISTA - MAGNA]

A gente já marcou reunião com o coordenador da Subprefeitura de José Gonçalves. Ele já se fez presente na reunião da associação. Se prontificou a ajudar. Só que ele não resolveu. E nós estávamos sem estrada no início do ano, em março e abril. No dia 19 de maio, eu e a presidente da associação fomos até a subprefeitura conversar com ele novamente, o Sr. Ramon. E passamos a nossa situação

[LOCUÇÃO - AFONSO]

De acordo com Magna, o problema se agravou porque até alguns anos atrás, a maior parte da água das chuvas que caíam na localidade iam parar em uma pequena barragem de um fazendeiro da região. Só que essa barragem foi entupida por terra. E aí...

[ENTREVISTA - MAGNA]

Agora a água que vem não vai mais pro tanque dele. A água que vem vai toda pra estrada. Então vira uma lama que não passa nem a pé. O pessoal já veio aqui, o pessoal da igualdade racial veio aqui, fizeram fotos na época, fizeram um monte de filmagem, mas também não resolveu. Não foi resolvido. Aí esse dia 19 que nós fomos lá, ele nos garantiu que no dia 22 de maio que ele viria aqui. Só que até hoje ele não veio. Não veio, nenhuma resposta. **Afonso:** E diante dessa situação Magna, qual é o sentimento que quando chove desperta em vocês? **Magna:** Um sentimento de muita tristeza, porque quando chove a gente fica assim, meu Deus, a gente não pode nem adoecer. Porque se adoecer aqui não tem como sair. Porque uma ambulância não entra, um outro carro não entra. Então é difícil. Na época das chuvas mesmo, teve pessoas que adoeceram aqui, eu tive que apelar pro médico. A minha mãe mesmo tem uma alergia e eu não podia tirar minha mãe da casa dela. Que ela não tinha como ir pra Conquista. Eu tive que apelar pro médico pra ele passar uma medicação pra minha mãe pra tomar em casa. Não tinha como levar em Conquista. Porque é difícil. Então, a nossa dificuldade maior hoje são o problema das estradas. E a gente só depende da Prefeitura pra ajudar, porque a gente mesmo não consegue resolver.

[LOCUÇÃO - KARINA]

No quilombo de Laranjeiras, que fica no distrito do Pradoso, a 24 quilômetros do centro urbano de Vitória da Conquista, a situação não é muito diferente do que acontece no Sinzoca. Quando ocorrem fortes temporais, parte do caminho que dá acesso ao povoado também fica intransitável. Isso porque há três riachos que cortam a estrada e ficam com o nível da água elevado em períodos chuvosos. Quem nos contou mais detalhes sobre essa dificuldade que os moradores enfrentam foi a então coordenadora da associação quilombola que representa a comunidade, Suelina Moreira, que também é agricultora e comerciante. Ela nos recebeu para uma entrevista no dia 23 de setembro de 2023, logo no início da manhã. A líder comunitária limpava a escada de uma igreja quando chegamos ao povoado, pouco antes das oito horas. Usava uma saia, uma camisa com a imagem da sagrada família, um crucifixo e tinha o cabelo preso. Nossa conversa aconteceu por ali mesmo, nos fundos da igreja, onde nos sentamos em uma calçada. Naquele dia, as condições da estrada estavam boas, mas segundo ela, quando a chuva cai e o nível dos riachos aumenta...

[ENTREVISTA - SUELINA]

Suelina: Pra nós aqui é sufoco. **Vic:** O que acontece quando chove? **Suelina:** O que... o que acontece quando chove... Victória, né? Oh, Victória, quando tá chovendo aqui aí gente fica ilhado. Cê vê que a, a estrada ali é rio, né? Lá também cê não pode passar porque também tem rio. E aí quando a gente, quando a chuva cai que os rio enche, se tiver um filho de Deus passando mal precisando urgentemente ser levado pro hospital, ele morre. Ele morre. Ele morre por quê? Porque não tem como passar. Outro dia, a chuva caindo aí, a minha é... uma, uma amiga da gente aqui da comunidade é... a menininha dela tem o quê? Seis anos. E... é cinco anos. E ela sentiu, começou dar esse... é, ânsia de vômito, diarreia, febre, né? Pra levar essa menina que, ela, quando ela dá esse problema às vezes ela tem que tá no soro, né? Tem muitos que passa com um remedinho e outros já é só com soro. Aí a a mãe começou a dar o remédio e não passou, ela pegou, debaixo de chuva, pegou a sobrinha e uma lâmpada de noite, que os rio tava monte a monte. E uma lâmpada e saiu por dentro da fazenda de Elomar. A questão da estrada nossa aqui é isso, a gente se não, não querer morrer, tem que ir pelos mato.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A fazenda a qual Suelina se refere é a chamada Casa dos Carneiros, e pertence ao famoso cantor conquistense Elomar Figueira Melo. É por dentro dela, em meio ao mato, que alguns moradores da comunidade são obrigados a passar para acessar a cidade em momentos de extrema necessidade durante os temporais. A outra opção é se arriscar a atravessar os riachos que cruzam a estrada. Porém...

[ENTREVISTA - SUELINA]

Nem motoqueiro não passa. Até gente pra passar de pé é perigoso. Porque cê pode cair dentro do buraco? **Afonso:** Já teve gente que tipo, realmente, foi por dentro do mato pra poder chegar? **Suelina:** Já sim, nós vai sim direto. Nós vamo quando tá chovendo. A gente vamo porque, se a gente tem precisão de ir a gente tem que ir pelos mato. Quando tá chovendo que tem muita... Esses dia mesmo, nessa última chuva que teve, o rio tava monte a monte, a gente vindo da cidade, o carro ficou na Gameleira e nós desceu de pé, alguns... Aí a gente faz aquele cordão de, quando a água num tá muita, né? Porque tem vez que a água tá aqui, na cintura, tá acima da cintura. Eu já vi água pra dar aqui, né? Na boca do, do, do estômago. E aí é... quando tá mais pouca dando assim no, na, no joelho, a gente faz um cordão e travessa. Mas quando ela tá mais forte e às vezes vem enrolando pedra, porque rola pedra, e aí ia ter medo de pegar na canela de um ou até mesmo quebrar e derrubar e arrastar e ir embora. Porque se derrubar vai embora. Aí a gente pra não correr esse risco a gente entra... e Elomar não gosta hein. A gente entra pelo, pela fazenda.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Segundo Suelina, a comunidade agora tem lutado justamente pra conseguir um desvio na estrada que abra um trecho de fato transitável pela fazenda de Elomar. Mas para isso, os moradores dependem de uma negociação entre a Prefeitura e o fazendeiro.

[ENTREVISTA - SUELINA]

Então, não seria muita coisa, é só... uma coisa... só um desvio pra gente entrar aqui e sair lá na frente, porque eu é... É uma coisa de necessidade. Nós não tá pedindo porque a gente né, a gente quer uma boa estrada não. A gente tá pedindo porque a gente tem necessidade. Quem vê a gente, quem vê nós aqui agora, nós tá de boa, mas quando a chuva cai, a gente fica praticamente isolado.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Enquanto a negociação não avança, a luta e as cobranças por melhorias seguem incessantes, mas as soluções ainda são meramente paliativas. Quando conversamos com Suelina, as últimas queixas da comunidade com relação às estradas tinham sido direcionadas a Arlindo Rebouças, então coordenador do Posto de Atendimento Avançado ao Cidadão (PAAC) que atende os distritos de Bate Pé, Iguá e Pradoso.

[ENTREVISTA - SUELINA]

Eu liguei pra Arlindo e falei com ele: “Arlindo, nós vamos agora fazer uma caravana e nós vamos bater lá no...” **Afonso:** Na Ouvidoria? **Suelina:** Na Ouvidoria, isso. “Nós vai fazer uma caravana, nós vai parar lá na Ouvidoria e descer, e nós vai descer direto pra Câmara de Vereadores. Se você não mandar uma patroa pra poder, pelo menos tampar os buraco, a gente vai fazer isso”. Aí quando foi essa semana, aí vem descendo aí, aí vem, é... amenizando porque isso aí pra mim não tá ajeitando as estrada, né?

[LOCUÇÃO - KARINA]

Conforme Suelina deixa claro, amenizar é bem diferente de resolver. E adivinha ao que está atrelado o fato de desigualdades como essas, relacionadas ao meio ambiente, atingirem populações negras ou racializadas de forma desproporcional? Se você pensou em racismo, acertou. Aliás, tem até um conceito que trata especificamente disso e vem ganhando cada vez mais destaque nos debates em torno da crise climática: o racismo ambiental. Hoje em dia, é quase impossível tratar de questões socioambientais de forma contextualizada sem envolver a discussão desse termo. Ou nessa altura do episódio você acha mesmo que problemas como enchentes e degradação de estradas afetam igualmente a elite econômica formada majoritariamente por brancos e a população pobre e em sua maioria negra? Óbvio que não, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Em diversos quilombos rurais de Vitória da Conquista, o racismo ambiental se reflete em outro problema crônico que atinge muitas dessas comunidades de maneira generalizada nos períodos de estiagem: as condições precárias de acesso à água potável e saneamento básico. Tanto que essa é a principal reivindicação da população quilombola conquistense, segundo a pesquisa realizada pela Defensoria Pública. Em seguida, vem a questão das estradas, como falamos mais atrás, saúde, transporte coletivo, educação e, por fim, emprego. E olha, nem é preciso investigar muito a fundo pra descobrir que água, um direito humano básico e fundamental para nossa sobrevivência, é a maior prioridade dos quilombos conquistenses. Basta, por exemplo, ser um ouvinte assíduo de programas locais de rádio. Quer ver só?

[ILUSTRAÇÃO - Compilado de matérias sobre falta d'água da Clube FM]

Áudio 01 (Boqueirão)

Apresentadora: Carro pipa não chega à região de Boqueirão. A moradora da localidade, Érica, conta pra gente. **Entrevistada:** A gente está precisando muito de água. Aqui na casa de minha prima também tá precisando, porque ela tá pegando na minha casa agora, que o caminhão vem aqui e eles só colocam meio caminhão de

água e não dá para ninguém. Aí divide o caminhão pra cinco pessoas, pra cinco família. Aí não tem nem como. A gente tem família, tem criança . A água não fica, não vai um mês aqui no Boqueirão.

Áudio 02 (Baixão)

Apresentadora: O morador do povoado do Baixão, próximo a Veredinha, Zé Wilson, cobra abastecimento de água na localidade. **Entrevistado:** Eu sou aqui do povoado Baixão. Só que é um problema que eu tô pedindo um apelo aí pra trazer um... quatro carro pipa aqui pro Baixão. Ainda é pouco ainda. Ninguém aqui tá com água.

Áudio 03 (Cachoeira das Araras)

Apresentadora: Moradores da Cachoeira das Araras estão reclamando porque a localidade está sem água. A distribuição é feita através de carro-pipa. É o que conta a Vanda, ela que mora na localidade e fala do sofrimento, da labuta do dia a dia sem a distribuição dessa água. **Entrevistada:** Aqui a nossa... a nossa comunidade está sem água, gente. (trecho que não dá pra entender). Porque vai passar a fogueira sem água porque não tem água.

Áudio 04 (Ribeirão)

Apresentadora: Continua a falta de água em algumas localidades da zona rural. Clécio, morador do Ribeirão, faz o apelo pra que o carro pipa abasteça as comunidades. **Entrevistado:** A situação lá não é fácil não, viu? Não é fácil. A gente passa sempre é... comprando carro-pipa pra poder abastecer a região lá. E você não... é comprando um carro direto de água e não tem água em nada lá da Embasa. A água passa com a distância muito longe. E tem mais de 80 famílias tudo sem água lá. E esse ano foi o ano mais apertado, porque a gente pegava água nos açudes, aí os açudes secou tudo. A gente ficou comprando água direto do carro-pipa caro, mais de 300 reais o carro-pipa de água pra gente lá. E tá difícil, viu? Aí vê se tem uma providência de colocar água da Embasa lá para nós pra ver se melhora mais as coisas. **Apresentadora:** Mônica Caraíba para a Clube FM.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Boa parte das comunidades quilombolas de Vitória da Conquista ainda não têm acesso à água encanada fornecida pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento, a Embasa. Segundo o estudo da Defensoria Pública da Bahia, ao menos 38% dos quilombos conquistenses dependem exclusivamente do abastecimento feito por carro-pipa. E mesmo nos povoados onde chega a água da Embasa, há moradores que ainda enfrentam transtornos. O presidente do Conselho das Associações

Quilombolas do Sudoeste Baiano, Domingos Lemos, é enfático ao destacar que esse não é um problema recente, mas algo que se arrasta há décadas sem uma solução definitiva.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Aí fica a questão do, do carro-pipa. Toda vez que, toda vez que... que chega o, o período de estiagem aí vem essa questão emergencial do carro-pipa... “Ah tem que comprar não sei quantos carro-pipa. Tem que alugar carro-pipa pra abastecer a comunidade”. E fica nessa vida de, de, de, de carro-pipa há anos, um problema... que poderia ser resolvido permanentemente. Aí fica, a comunidade fica dependente dessa questão de, de carro-pipa. Aqui mesmo na comunidade de São Joaquim tem... parte da comunidade que não tem acesso à água da Embasa. São... vinte... 15 famílias, que não tem acesso à água da Embasa, aí fica dependendo de, de carro pipa. O que poderia ser resolvido com uma extensão de, extensão de rede de, dois, de dois quilômetros de, de extensão de rede da, da Embasa.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Apesar de relatar a dificuldade que uma parte dos moradores de São Joaquim do Sertão ainda enfrenta com relação à água, Domingos ressalta que há comunidades que vivenciam situações muito piores em comparação ao quilombo onde ele vive.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Tem a comunidade aqui de Cachoeira das Araras, que, que é uma comunidade grande com cem... 160 famílias dependendo de carro-pipa. Cê sabe o que que é cê abastecer uma comunidade com cento e sessenta família com, com, carro-pipa? Haja, haja carro-pipa pra, pra abastecer uma, uma comunidade, uma comunidade dessa, algo que poderia ser... resolver esse problema permanentemente com uma extensão de seis quilômetros de rede, de rede da Embasa. Aí quando cê vai falar com a Prefeitura: “ah mas, Embasa é, é governo... é governo estadual”. Mas a Prefeitura não, não tem um, um, um projeto que, que diz, de identificação desses problema pra pleitear junto ao Governo do Estado nem ao Governo do, do Federal a questão local. Às vezes o, o Governo do Estado nem sabe que existe uma comunidade chamada Cachoeira das Araras que tá lá passando por dificuldade. Então eu, eu entendo que o... embora o, o Governo do Estado e a União tenha que particip... tem que financiar esses, esses projeto eles têm que partir daqui do município. O município que tem que apresentar as demandas. Aí quando cê vai reunir com, com a gestão. A última reunião que, que tivemos com a gestão falou que nós tínhamos que buscar emendas junto com, com, com deputado, aí eu vou ter que ficar correndo atrás de deputado. Qual o interesse que um deputado vai ter de, de colocar uma emenda pra mim pra eu abastecer uma, uma comunidade, comunidade tal, comunidade de Cachoeira das Araras?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Nós visitamos Cachoeira das Araras no mesmo dia em que fomos ao quilombo de Laranjeiras. As duas comunidades são vizinhas de São Joaquim do Sertão. Mas entre todas as três, Cachoeiras das Araras é a que fica ainda mais longe da zona urbana de Vitória da Conquista e a única que não tem acesso à água da Embasa. Depois de parar em Laranjeiras, é preciso percorrer mais 3 quilômetros de chão até chegar lá. Ou seja, além de enfrentar os mesmos problemas que narramos mais atrás com relação às estradas e ao isolamento em períodos chuvosos, os moradores do povoado ainda precisam lidar com a dependência de carros-pipa em tempos de seca ou de longa estiagem.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Sobre a água aí pra mim é, é o que começa é... o começo de tudo é sobre ela, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Essa voz, acompanhada ao fundo pelo canto de uma cigarra, é do líder comunitário Antônio Prado Santos, com quem conversamos durante a nossa visita a Cachoeira das Araras. Inclusive, a cachoeira em si existe, mas estava seca na data em que estivemos lá. Quando chove, os moradores conseguem captar água para consumo através de cisternas construídas pelo governo. Já para uso doméstico, eles costumam utilizar a reserva de um pequeno açude que existe no quilombo. Aqueles que têm condições financeiras chegam a bombear a água desse açude até suas residências. Mas são poucos perto das 160 famílias que moram lá.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

E aí quando é na seca depende de quê? Da Prefeitura. **Afonso:** E como é depender da Prefeitura? O quê que vocês enfrentam... **Antônio:** Porque a Prefeitura manda assim... abre aí, recebe aqui, mas só que é só as prioridade, pra quem é mais carente, quem tem mais necessidade, a pessoa idoso, doente, mas a maioria do pessoal não recebe essa água. **Karina:** É carro-pipa? **Antônio:** Carro pipa. Mas é... Sinceramente, se o pessoal daqui dependesse dessa água a grande maioria ficava com sede, porque eles não atendem. **Afonso:** E aí, faz o que? As pessoas... que cê falou que tem as prioridades, aí acaba colocando em uma e em outras não coloca. E aí essas pessoas que não colocam, pega água de onde? **Antônio:** Aí faz o seguinte: compra. É comprado o caminhão pipa. Infelizmente. É assim. Uma família divide em duas e compra. Então, aí é rezando pra chuva chegar antes de secar. Porque eu mesmo, em dois anos que eu moro lá com minha esposa hoje, eu recebi mil litros de água porque me deram. Que eu não gosto de tá pedindo as coisas, cê

sabe que tem o pessoal que tem necessidade. Eu prefiro comprar. Mas eu posso comprar, e outra pessoa?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Antônio nos contou que o valor médio de um carro-pipa com 10 mil litros de água é de 200 reais.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Mas tem, tem caminhão-pipa que chega até trezentos reais.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Imagine você pagar até 300 reais num carro-pipa sabendo que o problema que causa esse gasto poderia ser resolvido com uma extensão de três quilômetros na rede de abastecimento da Embasa? Já que é essa a distância entre Cachoeira das Araras e Laranjeiras, onde os moradores têm acesso à água encanada. E a violação desse direito básico é ainda pior para as pessoas que nem sequer têm como desembolsar um valor tão alto assim.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Vic: Cês chegaram a solicitar a água da Embasa? **Antônio:** Ah já. Inclusive tem até um abaixo-assinado, uns dois anos atrás. Veio político aqui. A gente fez o abaixo-assinado e aí levaram pra Embasa de, de Salvador. Mas só que até hoje...

Vic: Eles falam qual é a dificuldade de trazer água encanada pra cá? **Antônio:** Oh, na verdade eles nem falam em dificuldade, só aceita a reclamação, o pedido, e a gente fica sempre aguardando. Porque a Prefeitura não consegue fazer um trabalho desse. É coisa estadual, entendeu? Deputado federal, estadual, e aí é sempre assim.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Foi também um abaixo-assinado com essa mesma solicitação que a líder comunitária Vitória Fernandes Marinho fez questão de nos mostrar quando fomos até o quilombo de Cachoeira dos Porcos, onde a água da Embasa também não chega. Conversamos sobre esse assunto na sala da casa de uma das moradoras mais velhas da comunidade, a Dona Helena Francisca de Sousa, que também nos concedeu entrevista. Aos 70 anos, ela sabe que a situação atual não é das melhores, mas com a ajuda de Vitória, lembra que, no passado, tudo era ainda mais difícil. E os poucos avanços que tiveram foram resultado de muita luta.

[ENTREVISTA - DONA HELENA E VITÓRIA]

Vitória: Essa luta dessa água não é de hoje, né, Dona Helena? **Vitória:** Não.

Vitória: Antigamente pegava água no quê, Dona Helena? Fala aí. **Helena:** Era na cabeça. Ô moço, uma vez mesmo. Eu, nós... eu fazia os potinhos de barro dessa altura, aí ia buscar água lá embaixo nos porcos. Lá embaixo, como o povo fala, nos porcos. Eu tinha lá o minador lá na... Lá naquela que tinha assim. Aí nós íamos um dia. Aí vinha eu lá para cá. Eu trupequei o pé assim, num toquinho. O pote estava cheio d'água. Voltou para trás, arrumou nas minhas costas, rumou no chão e quebrou. Eu falei, "Não vou prestar mais meu espinhaço. Mas Deus me deu força. (Risos) **Afonso:** Continua sendo forte, né? **Helena:** É.

[LOCUÇÃO - KARINA]

É com bom humor e uma pequena dose de nostalgia que Dona Helena lembra da época em que carregava água na cabeça nos potes de barro que ela mesma confeccionava. Aquele era o tempo do minador, dos coxos e do Oi d'água, um tempo em que nem carro-pipa levava água no quilombo, que fica no distrito do Iguá. Apesar de ser mais jovem, Vitória também tem lembranças desse período.

[ENTREVISTA - DONA HELENA E VITÓRIA]

Antigamente, nós ainda tinha essa água pra pegar nos jumentos, nos animais, e nas nossas cabeças que até eu já participei disso, viu? Minha mãe botava um bocado de menino no mundo, e era eu se lascando pra ajudar ela, pegando água. E as mais velhas iam tomar banho lá na fonte pra trazer água, subir suada, para os que ficava em casa. Era muita dificuldade, muita dificuldade. Então eu lembro mesmo que... e esse mesmo coxo que a gente... Esse mesmo coxo que a gente pegava a água era o mesmo coxo que os animais bebiam porque não tinha outro. Aí hoje em dia, muito difícil, porque não está bom, mas hoje ainda tem a pipa.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O principal problema do fornecimento de água via carro-pipa, segundo Vitória, é a quantidade que é distribuída para cada família, que é insuficiente para atender a demanda dos moradores. Ela conta que cada casa recebe, em média, dois mil e quinhentos litros por mês, mas não para uso doméstico, só para consumo.

[ENTREVISTA - DONA HELENA E VITÓRIA]

Porque eles falam que é só para beber. Mas nós não temos outra. Então nós não vai tomar banho, não vai lavar uma roupa, não vai limpar a casa. Só que é só para beber e cozinhar. Então a gente tem que só beber e cozinhar e não tomar banho, não usar a roupa, entendeu? **Afonso:** Entendi.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Ainda de acordo com a líder comunitária, que coordena a associação quilombola de Cachoeira dos Porcos, a água que a comunidade recebe hoje em dia via carro-pipa é armazenada em cisternas que foram construídas pelo governo, assim como acontece em diversos outros povoados da zona rural. Mas até pra conseguirem isso, ela enfrentou uma verdadeira saga, porque o projeto de construção das cisternas que beneficiou o quilombo era destinado, inicialmente, apenas para uma comunidade vizinha, chamada Rancho Alegre. O resto da história eu deixo a própria Vitória contar. As reações de Afonso você ignora.

[ENTREVISTA - DONA HELENA E VITÓRIA]

Vitória: Veio na caladinha lá pra... só pra Rancho Alegre, mas como eu toda a vida eu sou encrenqueira... (risos) O meu nome aqui é encrenqueira. Quando eu fiquei sabendo que ia vir pra Rancho Alegre, oxe nós caiu pra cima. Aí nós ainda conseguiu 12 pra cá e depois fizemos o cadastro para a comunidade inteira, não foi, Dona Helena? **Helena:** Foi. **Vitória:** Mas nós só conseguiu porque na época teve um trambico... porque tem gente, todo lugar a gente sabe, que tem gente que só pensa no seu próprio umbigo, né? E ela está aqui que não me deixa mentir. Eu não consigo nada só para mim aqui. **Helena:** É verdade. **Vitória:** Se eu conseguir, se não for para todo mundo, não é para ninguém. **Helena:** É **Vitória:** Então quando eu fiquei sabendo dessas caixas, baixei para lá. Eu sabia que tinha três famílias da Cachoeira, daqui da Cachoeira, lá sem nós saber. **Vitória:** Quando chegou lá, eu perguntei: “esse projeto”... (Indiscernível): “Tem alguém que quer falar alguma coisa?” Aí eu... Aí só vi foi gente: “Minha Nossa Senhora”. O povo do Rancho Alegre: “Vai dar zebra agora”. Eu levantei a mão. (Risos) Ele falou assim: “Pois não”. Era até Claudinei, lembra? Claudinei que ajudou muita gente. Eu falei bem assim: “Eu gostaria de saber se esse projeto, se é pra todas as comunidades ou se é só pro Rancho Alegre”. Aí ele foi e falou bem assim: “No momento é pro Rancho Alegre”. E eu falei: “Por que tem famílias da Cachoeira aqui envolvido? E o resto da comunidade não está?” Aí ele falou: “Não, aqui não tem ninguém da Cachoeira.” Eu falei: “Tem, fulano, fulano, fulano, fulano, fulano. E nós aqui, nós ficamos sabendo e nós veio saber. Então se for pra dar para eles, ou é pra todo mundo ou não é pra ninguém.” Aí ele foi e falou bem assim: “Não, nós não tava sabendo disso”. É porque essas três famílias daqui que estavam lá, tem gente envolvida no Rancho Alegre, que é as famílias deles, entendeu? **Afonso:** Ah. **Vitória:** Aí eu falei: “Não se for só para o Rancho Alegre agora, faz só o Rancho Alegre. E aí já em seguida, já manda a lista de Cachoeira. Ou então não faz para ninguém”. Aí foi quando, foi quando essas pessoas já estavam com cadastro feito. Eu falei: “Então incluí o nosso também”. Eles: “Ah, não pode”. Eu: “Não pode não?” Peguei o telefone, nessa época era até aqueles tijolão. (Risos) Hoje o nosso celular é moderno, né? O meu chegava dobrar, parecendo uma bíblia, parecia uma prancha. **Helena:** Ah, doido. **Vitória:** Aí eu fui e falei: “Vou ligar para a TV Sudoeste agora”. E liguei para a TV

Sudoeste. Quando a TV Sudoeste chegou, ele suspendeu a... a entrevista e fizemos o nosso cadastro. E já mandou a gente pegar o número do restante do, do pessoal de Cachoeira. Aí as nossas caixas foi feita, em seguida fez sete. A minha irmã, que foi a primeira, para provar o restante do pessoal de Cachoeira, tinha que fazer logo essas sete. E o menino estava com uma barreira aqui, grávida do meu filho. E saí aqui justamente para brigar. (Risos) E graças a Deus nós conseguimos.

Helena: Deu certo. **Vitória:** Nós conseguimos. Aí nós começamos a fazer, graças a Deus, né? Essas pessoas, foi tudo beneficiado com essas caixas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essa conquista, narrada com muito bom humor pela Vitória, foi bastante significativa...

[ENTREVISTA - DONA HELENA E VITÓRIA]

Vitória: Mas nós não paramos por aí não, porque o que nós queremos é a água da Embasa. Que é a seis quilômetros aqui do Iguá, gente. Iguá tem água encanada. Seis quilômetros, nós mediu.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Para a líder comunitária, não há motivo plausível que justifique o fato da Embasa e do Governo do Estado simplesmente ignorarem o pedido da comunidade, mesmo após denúncias no Ministério Público e vários abaixo-assinados.

[ENTREVISTA - VITÓRIA]

Porque na conversa deles, a barragem de Água Fria 1 e 2 não suporta toda a população de Conquista e região, mas quantas casas é construída por dia em Conquista, e todas elas são atendidas? Quantas é... obras em Conquista não é atendido?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É aqui que a história de Cachoeira dos Porcos se assemelha a de Cachoeira das Araras e de outras comunidades quilombolas de Vitória da Conquista que aguardam a chegada de água encanada em seus territórios. Durante a apuração para esta série, nós fomos a outros quilombos, como o Boqueirão e Manoel Antônio, onde há casos de famílias que moram em locais onde nem sequer o carro-pipa consegue chegar. Com isso, ficam dependentes da chuva ou da ajuda de vizinhos, mesmo estando a poucos quilômetros de áreas alcançadas pela rede da Embasa. Na região de Lagoa de Maria Clemência, que abrange oito quilombos, três deles foram beneficiados com uma obra que levou água encanada até as comunidades, mas os

outros cinco ficaram de fora, incluindo Manoel Antônio, onde mora a líder comunitária Ramônica Mendonça.

[ENTREVISTA - RAMÔNICA]

A Embasa já chamou a gente pra conversar e falou que vai tá fazendo o possível pra tá fazendo a extensão de rede. Só que só são promessas. A gente espera, espera, espera, corre atrás, corre atrás, briga, briga, briga e vamos ver no que vai dá, vamo ver no que vai dá. Mas é bem complicado.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Apesar dos incontáveis desafios, Ramônica e outras tantas lideranças quilombolas têm consciência de que os moradores dessas comunidades precisam estar organizados de forma coletiva para cobrar e pressionar o Poder Público para que eles tenham seus direitos garantidos de forma integral, sem que ninguém seja excluído. É por isso que, em Lagoa dos Patos, por exemplo, mesmo tendo conseguido água encanada para quase todas as famílias que lá residem, a associação que representa a comunidade segue mobilizada na luta por outras 10 que não foram beneficiadas com o projeto.

[ENTREVISTA - CIDA]

Eles ainda não tem a água, aí o que que a gente faz.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Essa voz é da atual presidente da associação quilombola de Lagoa dos Patos, Maria Aparecida Souza.

[ENTREVISTA - CIDA]

Nós temos Joana, que é a coordenadora lá da, dessa parte de abastecimento da... lá na Secretaria de Agricultura, né? Aí ela que ficou com essa parte, e ela é uma pessoa muito acessível. Eu num sou muito de elogiar esse povo do governo, mas ela eu tenho que elogiar porque ela é uma pessoa acessível, e é uma pessoa que consegue trabalhar com pouco. Porque ela diz assim: "Gente, não tem condição. Se não tem dinheiro, não tem como contratar mais carro-pipa pra mandar pras comunidades". Mas aí ela entrou em acordo com o Conselho Quilombola. A gente fez reuniões, que agora a gente entra em contato com ela diretamente, né? A Associação pra Joana. Porque antes que que acontecia: ia pessoas da comunidade fazer a solicitação da água. E às vezes ia você... e ia Afonso da mesma família, e fazia pedido pra uma casa só. Então vocês recebiam dois, e a família do lado recebia nenhum... Aí a gente entrou em contato, porque, infelizmente, existe essas

coisas até nas comunidades. **Equipe CR:** Humrum. **Cida:** A gente entrou em contato com ela, teve a reunião, agora ela só recebe solicitação minha. Aí que que eu tenho que fazer, eu tenho que mandar solicitação, quando eu imagino ou eu ligo pra lá pra eles, falo: “Como é que tá a água? Tá acabando?” “Tá acabando, Cida”. Então aí eu corro, mando a solicitação pra ela, porque essa água só vai vir com quinze dias. Então tem que ser, ter expertise, pensar antes deles.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Ainda assim, segundo Cida, a cobrança tem que ser constante, porque nem sempre a água chega no prazo combinado.

[ENTREVISTA - CIDA]

Nós que vivemos dentro das comunidades a gente sabe a nossa luta. Mas no início da Associação foi muito difícil, porque não chegava os benefícios. A luta era muito grande, mas hoje quando você solicita alguma coisa, as pessoas já sabem que pra solicitar eles têm que tá dentro da Associação, a gente tem que tá organizado, e que eu não posso ir sozinha. Por exemplo, eu não posso ir sozinha pra Embasa pra pedir água pra uma comunidade inteira porque eles não vão me escutar. Eu sozinha não sou nada. Agora eu com mais de setenta sócios da Associação, nós somos muito. Então a gente se reúne e consegue alguma coisa. Então, a luta... eu digo sempre pra Associação: “A luta é sempre nossa. E se a gente parar pior vai ficar”.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E aqui vale destacar que é graças à determinação de Cida e de tantas outras pessoas que ouvimos ao longo desta série que a luta da população quilombola de Vitória da Conquista tem ganhado cada vez mais visibilidade. Um passo importante nesse sentido foi a realização do projeto “Quilombolas em Conquista”, desenvolvido pela 2ª Regional da Defensoria Pública da Bahia e idealizado ainda em 2020, durante a pandemia da covid-19, pela assistente social Deborah Santana, que integra o órgão. Foi a partir desse trabalho liderado por Deborah, inclusive, que obtemos vários dos dados apresentados ao longo desta temporada do Fatos & Vozes.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O objetivo do projeto era justamente conhecer as comunidades quilombolas do município e obter um diagnóstico de suas demandas a fim de contribuir com a efetivação de seus direitos. Um dos resultados desse trabalho foi a realização de uma audiência pública que abordou a situação do abastecimento de água e as condições de saneamento básico em quilombos conquistenses, já que essa foi a principal prioridade apresentada pelas comunidades durante a execução do projeto.

O evento ocorreu no dia 21 de novembro de 2022 e também expôs outras violações de direitos em áreas como saúde e educação. As lembranças daquele momento ainda estão frescas na memória de Deborah.

[ENTREVISTA - DEBORAH]

Foi um dia... Novembro era um mês típico de Vitória da Conquista de ter muitas chuvas, e não foi diferente nesse dia 21 de novembro. Então, foi um dia com muita chuva, e... mas ainda assim nós tivemos a presença de muitas... muitos moradores das comunidades quilombolas de Vitória da Conquista. Era até pra ter mais. Durante o evento eu recebia várias mensagens de moradores dizendo: “Deborah eu estava no meio do caminho, a moto quebrou, o carro parou, estou voltando empurrando”. Não foi nem uma nem duas pessoas que não conseguiram chegar por conta da dificuldade da estrada, principalmente com a chuva que estava acontecendo no dia, né? Nós fizemos... Na verdade, a audiência pública ela foi à tarde, mas a Defensoria Pública aproveitou a vinda dessa população para fazer um evento matutino, então, pela manhã, é... nós fizemos um encontro da Defensoria Pública com a comunidade. Então, foi um momento deles terem... assistirem o resultado da pesquisa que eu fiz, e também tiveram voz, foi um momento que eles puderam pegar o microfone e falar das agruras vivenciadas nas... nos povoados, né, quilombolas que eles vivem, então foi um momento nosso, e a tarde foi de fato a audiência pública que iniciou as 13 horas com várias autoridades.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Além da presença de várias autoridades públicas, o evento também repercutiu na imprensa local.

[ILUSTRAÇÃO - REPORTAGEM 01 CLUBE FM]

Repórter: José Raimundo Campos, defensor público e coordenador da 2ª DPE afirmou que os trabalhos da Defensoria em defesa dos direitos das comunidades não parou na audiência. **Entrevistado:** Nós, da Defensoria Pública do Estado, juntamente com a Defensoria Pública da União e também representantes dessas comunidades vamos dar continuidade a esse trabalho, né, encaminhando justamente ofícios pra que eles deem as soluções pra essa questão do desabastecimento de água que foi tão relatado aqui.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Na época, algumas das autoridades presentes até se posicionaram na mídia acerca das queixas e reivindicações apresentadas na audiência.

[ILUSTRAÇÃO - REPORTAGEM 02 CLUBE FM]

Ao ser cobrado em quando a Embasa vai chegar nas comunidades quilombolas que não tem água do serviço, o gerente regional, Manoel Marques, afirmou que existe um projeto de expansão da rede na zona rural, mas sem data para ser implementado. O gerente regional da CERB, Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia, Luiz Alberto Moreira, afirmou que algumas das demandas das comunidades expostas na audiência já estão sendo atendidas.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Bom, não foi lá bem isso que nossa apuração para esta série mostrou, já que muitas reclamações relatadas na audiência da Defensoria, em 2022, são as mesmas que ouvimos de várias pessoas que entrevistamos em setembro de 2023. Nós entramos em contato com a Embasa e com a CERB para solicitar esclarecimentos quanto às denúncias apresentadas nesta reportagem, mas até o fechamento da edição, não obtivemos resposta. Além disso, pedimos ainda posicionamento da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista e da Secretaria de Infraestrutura Hídrica e Saneamento, vinculada ao Governo do Estado. Também não tivemos retorno.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Para a assistente social Deborah, uma coisa é fato: não dá mais pra retrocedermos numa Conquista que é e sempre foi de todos os quilombos.

[ENTREVISTA - DEBORAH]

Eu acho que a gente não pode esmorecer, porque como assistente social que trabalha muito com as demandas coletivas, eu fico entristecida em ver que 32 comunidades quilombolas, agora é que a população está sabendo que elas existem. Então, eu vejo, como assistente social na Defensoria Pública, o papel é: trazer todo dia, a todo momento, lembrar para a Defensoria e lembrar para a população que existem 32 comunidades quilombolas que estão lutando para que a cultura deles não fique no esquecimento, que os direitos deles sejam... deixem de ser violados e sejam respeitados, né.

[TRILHA - VINHETA DE ENCERRAMENTO]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

AFONSO: O Fatos & Vozes é uma produção original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista. Para a realização da série “Conquista de Quilombos”, contamos com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas, do Meta Journalism Project e da Associação de Jornalismo Digital. Eu sou Afonso Ribas e, além da pesquisa, produção e roteiro, faço a apresentação

deste podcast ao lado da minha colega de reportagem, Karina Costa. **KARINA:** Na apuração, quem esteve conosco foi a Victória Lôbo, que também é responsável pela direção criativa e locuções adicionais do Fatos & Vozes. A edição e sonorização ficam por conta de Anderson Rosa. A identidade visual e o design das nossas capas são de Caren Vieira e a trilha sonora original é do Gabriel Falcão. As transcrições de entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Ferraz, Talyta Brito e Leonel Brito. Neste episódio, você ouviu áudios da CNN Brasil e da Clube FM. **AFONSO:** E uma pequena correção. No episódio passado do Fatos & Vozes, o quarto desta série, ao citar o posicionamento da Prefeitura de Conquista quanto à realização de concurso para agentes de saúde, eu acabei falando “rede municipal de educação” em vez de “rede municipal de saúde”, que era o correto. Dito isso, eu me despeço por aqui!

KARINA: Até mais!